

Tiro no pé

01 ABR 2004

A livre negociação é a principal característica do mercado de trabalho hoje no Brasil. Embora essa negociação se desenrole dentro da rigidez da atual legislação trabalhista, ela significou um tremendo avanço e certamente contribuiu, no bojo do Plano Real, para quebrar a espiral inflacionária que castigava o país — e os trabalhadores, principalmente — há décadas.

Em vez de novas amarras no mercado de trabalho, o Brasil precisa prosseguir por esse caminho da negociação, pois isso aumenta a capacidade de adaptação da economia a mudanças conjunturais. O fenômeno da globalização não pode hoje ser ignorado nas relações capital-trabalho. Quantas empresas no mundo têm perdido mercados para indústrias que se instalaram na China, por exemplo?

Muitas empresas européias transferiram unidades fabris para a Ásia a fim de reduzir custos, já que nos seus países de origem enfrentam amarras cada vez maiores no mercado de trabalho. Não é por acaso que os índices de desemprego na Europa estacionaram em patamares muito altos, e chegam a corresponder ao dobro dos números apresentados pelos Estados Unidos ou pelo Japão.

O Brasil não pode cometer o erro de tentar criar empregos com artificialismos que não se sustentam ao longo do tempo. No passado, o setor público inchou porque se pensava que uma de suas tarefas era criar empregos, a qualquer custo. Até hoje o país amarga os efeitos negativos desse inchaço, entre os quais um número considerável de empregos que deixaram de ser criados em atividades produtivas que foram sufocadas pelo peso do Estado.